

**Crianças percorrendo o cotidiano do passado e do presente nas asas de um velho
caderno de caligrafia.**

Patrícia Spacki ¹

Trabalhar conteúdos de História com crianças da faixa etária de sete anos, que estão em fase de alfabetização nem sempre é tarefa fácil. Muitos professores transmitem os conhecimentos oralmente ou através de textos e atividades a ele relacionadas, sem exigir dos alunos a reflexão e a construção da própria interpretação histórica...

Estas questões estão sendo levadas em consideração no trabalho que vem sendo desenvolvido com crianças de primeira série da Escola Municipal Maria Aparecida Saliba Torres, no município de Araucária – PR, durante a implantação da Proposta Curricular de História. Particularmente no que se refere ao trabalho com os conteúdos, procura-se levar em consideração os conhecimentos tácitos dos alunos e a exploração e construção de suas interpretações ou narrativas históricas.

A trajetória deste trabalho teve como referência um conteúdo curricular – “O cotidiano escolar da criança”. É importante observar que este conteúdo faz parte do tema “O cotidiano das crianças”. Tendo em vista as questões apontadas e a preocupação em se trabalhar os conhecimentos tácitos das crianças, bem como a construção da narrativa histórica, buscou-se um documento histórico primário que pudesse ser o ponto de partida para reflexões, descobertas e construção do conhecimento, estabelecendo um diálogo entre passado e presente.

Segundo COOPER ² (2002), *“As crianças podem começar a aprender como e por que diferem as interpretações do passado construindo seus próprios relatos. Podem fazê-lo jogando, com jogos de “simulação”, fazendo maquetes e desenhos, assim como contando e escrevendo relatos. Suas interpretações devem basear-se em provas”*. A partir dos trabalhos desta autora pode-se inferir a importância de se utilizar todos os tipos de documentos no ensino de história para crianças. Ademais, apreende-se também, a noção da importância do trabalho com os documentos para que as crianças possam distinguir as

diferentes versões que existem sobre o passado, bem como construir suas próprias interpretações. Neste sentido, para se desenvolver o conteúdo já mencionado, optou-se por um caderno de caligrafia datado de 1951, escrito à caneta tinteiro, que possuía treinos ortográficos e frases de cunho religioso e moral. Este documento pertencia a Sra. Antonia Mika Spacki e fora guardado junto a outras lembranças dos tempos escolares.

Antes de explicitar o trabalho com o documento propriamente dito, é preciso registrar a forma como o tema foi introduzido aos alunos. Escolhido o documento histórico, iniciou-se a exploração do conteúdo com aplicação de problematizações e devolutivas orais acerca do cotidiano escolar atual, abordando a relação professor-aluno, os encaminhamentos metodológicos e as rotinas da escola. Estas atividades trouxeram elementos que subsidiariam as comparações com os aspectos que seriam apreendidos a partir do estudo do documento.

Em seguida apresentou-se aos alunos o caderno de caligrafia. Os alunos puderam observar este objeto da cultura material da escola em seus detalhes, bem como levantar hipóteses sobre sua forma física e seu significado. Segundo eles, a finalidade dos cadernos de caligrafia continua a mesma, "*deixar a letra mais bonita*" (A.C.R. – 7 anos), o papel estava amarelado "*pois já fazia muito tempo que tinha sido escrito*" (M.G. – 6 anos), e a escrita do caderno está diferente: "*mais fina, meio tremida e com borrões*" (L.P. – 7 anos). Nesse momento realizou-se uma comparação entre uma folha escrita com caneta esferográfica e o caderno, atentando para o fato deste ter sido escrito com uma caneta tinteiro. Após rigorosa observação de seus detalhes e leitura de parte de seu conteúdo, fez-se um exercício de localização temporal, em que o professor (com base nos registros escolares onde consta a idade dos pais) mostra que provavelmente na década de 50 os pais dos alunos ainda não haviam nascido, ou não freqüentavam a escola. O principal objetivo deste exercício era desenvolver a reversibilidade temporal, remetendo os alunos à época de 1951, data em que o caderno fora redigido.

No processo de localização temporal, aproveitou-se para abordar o assunto do cotidiano escolar das crianças que viviam por volta da década de 50. Mencionou-se a questão dos costumes, do respeito e temor aos professores, a questão da palmatória e das

punições físicas, e ainda a disciplina dos alunos, os materiais didáticos utilizados, as condições sociais e econômicas da época, os métodos de ensino...

Para enfatizar este assunto, o professor faz a leitura de um texto de autoria de GILBERTO FREIRE ³ onde consta a descrição de cenas do cotidiano escolar da época do Brasil Colônia. A leitura de narrativas históricas, por parte do professor, torna-se um importante passo para o desenvolvimento das interpretações nos alunos, pois segundo COOPER (2002), *“ao escutar relatos sobre outras épocas, as crianças são estimuladas a relacionar, confirmar, modificar ou rechaçar as idéias que já possuíam. O fato de escutar versões diferentes de narrativas, não somente os ajuda a aprender coisas sobre tempos, lugares e pessoas estranhos à sua própria experiência, mas também a compreender que não existe somente uma única versão “correta” do passado”(p.82)*. Seguida à leitura do relato, fez-se novo diálogo, enfatizando o cotidiano escolar da época e fazendo as devidas relações com a atualidade. Nesse momento propôs-se a realização de uma atividade onde os alunos registraram suas construções sobre o tema. Na atividade solicitou-se o registro, através de desenhos, do cotidiano escolar atual, em seguida do cotidiano escolar da década de 50, e num terceiro momento, algo escrito que registrasse as mudanças e permanências ocorridas nesses últimos 54 anos. Vale ressaltar que além dos registros esperados (punições físicas, o uso de canetas tinteiro e ausência de ludicidade no processo de ensino), algumas crianças indicaram como mudanças a presença da luz elétrica e a popularização do acesso à escola.

Com a intenção de traçar novo paralelo agora relacionando o cotidiano escolar da época do Brasil Colônia, analisado no texto do Gilberto Freire; o cotidiano escolar da década de 50, observado a partir do caderno de caligrafia; da época dos pais dos alunos, a partir da oralidade; e da atualidade, discutida em sala de aula, solicitou-se uma pesquisa com os pais dos alunos sobre o cotidiano escolar da época deles (por volta de 1975-1985). Nessa pesquisa os pais deveriam discorrer sobre o dia-a-dia deles na escola, sobre como era a relação professor-aluno, como eram as tarefas, se haviam punições físicas, etc. Com o resultado da pesquisa em mãos o professor fez a leitura dos relatos encaminhando a

construção do paralelo antes mencionado, levando os alunos a perceberem as mudanças e as permanências ocorridas no cotidiano escolar desde a época do Brasil Colônia até a atualidade. Os relatos dos pais foram surpreendentes, destacaram-se trechos em que os pais comentam sobre os castigos, sobre o respeito e o temor aos professores, sobre a distância entre a casa e a escola, sobre as dificuldades financeiras, etc.

Com última atividade sobre o tema decidiu-se, coletivamente, redigir uma carta à dona do caderno de caligrafia, já que o caderno fora a base para o desencadeamento dos diálogos e aprendizagens sobre o cotidiano escolar de outros tempos. Com a carta, iniciou-se um diálogo entre os alunos e a autora do caderno, enriquecendo ainda mais a experiência, que certamente foi muito significativa aos alunos.

No decorrer de toda a atividade, as crianças, baseadas num documento histórico e utilizando-se de seus conhecimentos prévios, foram construindo sua própria narrativa. ATKINSON (1978), citado por Gago em "Concepções dos alunos acerca da Variância da Narrativa Histórica" ⁴ (2001), diz que *"a narrativa histórica coerente tem de ser obviamente baseada na evidência, sendo esta a condição necessária para a aceitabilidade"* (p.15). Seria impossível realizar um trabalho semelhante ao supracitado se não houvesse a presença de um documento histórico, de uma evidência que pudesse estabelecer o elo de ligação entre o conteúdo ser ensinado e a realidade das crianças. Ao se depararem com um material conhecido por elas, estabeleceram a relação entre a realidade e os conteúdos trazidos pelos livros didáticos, e a partir dessa evidência, surge a motivação para pesquisar e aprender mais a respeito do tema, enfim para construir sua própria narrativa histórica.

BARCA e GAGO ⁵ (2004), confirmam isso quando dizem que as propostas curriculares para o ensino básico apontam a construção de narrativas pelos alunos como sendo algumas das experiências de aprendizagem a promover o desenvolvimento de competências históricas.

O resultado deste trabalho aponta para o fato de que precisamos repensar o ensino de História, especialmente no que diz respeito à educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. As crianças precisam vivenciar atividades significativas, prazerosas, que as

instiguem a buscar novos conhecimentos, a construir sua aprendizagem desenvolvendo sua competência histórica, e que assim, possam sentir-se donas do seu saber. Se o professor buscar novas práticas, incorporá-las à sua metodologia e compreender que seu principal papel não é somente dar aulas, mas provocar a aprendizagem, o risco de desapontamento em relação ao ensino por parte dos alunos diminuirá, e estudar se tornará cada vez mais uma atividade desafiadora e gratificante, pois estamos vivendo num tempo em que é preciso criar, analisar e transformar ações em questionamentos.

¹ Professora de Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental da Prefeitura Municipal de Araucária/PR, e acadêmica do curso de Pedagogia – UFPR.

² COOPER, Hilary. Didáctica de la historia em la educación infantil y primaria. Madrid: Morata, 2002.

³ FREIRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1969. vol 2, p. 585. In: – Formação da sociedade brasileira / Judite Maria Barbosa e Maria Auxiliadora M. S. Schmidt – Curitiba: ed. UFPR, 1992.

⁴ GAGO, Marília. Concepções dos alunos acerca da Variância da Narrativa Histórica – Um estudo com alunos em anos iniciais do 2º e 3º ciclo do ensino básico. Braga: Universidade do Minho, 2001.

⁵ BARCA, Isabel; GAGO, Marília. Narrativas Históricas e Ficcionalis – Recepção e Produção para os professores e alunos. Braga: Universidade do Minho, 2004.